

TECNO FEUDALISMO

O que matou o
capitalismo

YANIS
VAROUFAKIS

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

TECNO FEUDALISMO

O que matou o
~~capitalismo~~

CRÍTICA
YANIS
VAROUFAKIS

Tradução

Érika Nogueira Vieira

Revisão técnica

Gabriel Oliveira de Carvalho Senra

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Primeira edição publicada pela primeira vez em 2023 por The Bodley Head
Copyright © Yanis Varoufakis, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Érika Nogueira Vieira, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Technofeudalism: What Killed Capitalism*

Preparação: Cássia da Rosa e Oliveira
Revisão: Ana Maria Fiorini e Caroline Silva
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Kris Potter
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Varoufakis, Yanis
Technofeudalismo / Yanis Varoufakis ; tradução de Érika Nogueira Vieira. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
240 p.

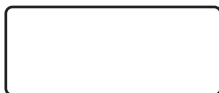
ISBN 978-85-422-3319-3
Título original: Technofeudalism: What Killed Capitalism

1. Economia 2. Capitalismo 3. Tecnologia I. Título II. Vieira, Érika Nogueira

25-0682

CDD 330

Índice para catálogo sistemático:
1. Economia



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo-SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
1. O lamento de Hesíodo	11
2. As metamorfoses do capitalismo	31
3. O capital-nuvem	61
4. A ascensão dos capitalistas-nuvem e a derrocada do lucro	91
5. O que há em uma palavra?	113
6. O impacto global do tecnofeudalismo: a Nova Guerra Fria.	139
7. Fuga do tecnofeudalismo	165
Apêndice 1. A economia política do tecnofeudalismo.	199
Apêndice 2. A loucura dos derivativos	221
<i>Influências, leituras e agradecimentos</i>	225
<i>Notas</i>	228

O LAMENTO DE HESÍODO

Meu pai foi o único esquerdista que conheço que não conseguia entender por que chamar Maggie Thatcher de “Dama de Ferro” era de algum modo depreciativo. E eu devo ter sido a única criança que cresceu acreditando que o ouro era o primo pobre do ferro.

Meu catecismo nas qualidades mágicas do ferro começou no inverno de 1966, que me lembro de ter sido especialmente frio. Na pressa de deixar para trás o apartamento apertado onde morávamos de aluguel enquanto nossa casa em Palaio Faliro, um subúrbio litorâneo ateniense, era reformada, meus pais se mudaram conosco de volta para a casa ainda não finalizada no meio do inverno, antes que o aquecimento central tivesse sido instalado. Felizmente, meu pai insistira que nossa nova sala de estar contasse com uma lareira de tijolos vermelhos bastante decente. Foi lá, diante daquela luz cálida, que ao longo de muitas noites de inverno ele me apresentou a seus amigos, como ele os chamava, um de cada vez.

Os amigos do meu pai

Seus amigos chegaram num saco grande e cinzento que ele trouxe para casa da “fábrica”, a usina siderúrgica em Elêusis onde ele trabalharia como engenheiro químico por seis décadas. Eles eram extremamente desinteressantes. Alguns pareciam pedras amorfas, pedaços de minério, como eu mais tarde ficaria sabendo. Outros eram barras e placas de

metal de formatos diversos, também desinteressantes. Se não fosse pelo modo carinhoso como ele as dispôs, uma a uma, sobre a toalha de mesa branca, bordada a mão, dobrada diante da lareira, eu nunca teria pensado que eram especiais.

O estanho foi o primeiro amigo que ele me apresentou. Depois de me dar um pedaço para segurar, sentir como era macio, ele o colocou dentro de uma tigela de ferro que, em seguida, levou ao fogo crepitante. Quando o estanho começou a derreter, o líquido metálico foi enchendo a tigela e os olhos do meu pai se iluminaram. “Tudo que é sólido derrete e se torna líquido e então, se receber calor suficiente, vira vapor. Até os metais!” Depois de se assegurar de que eu tinha compreendido a grande transição do estado sólido para o líquido, despejamos juntos o líquido em um molde, o mergulhamos na água para esfriá-lo, e então o abrimos para que eu pudesse, mais uma vez, segurar o estanho e constatar que nosso amigo tinha voltado ao normal – que ele tinha retornado ao seu estado inicial.

Na noite seguinte, o experimento foi com outro amigo: uma barra comprida feita de bronze. Dessa vez não houve uma grande transição; o ponto de fusão do bronze é pelo menos cinco vezes mais alto que o do estanho. Ainda assim, a barra começou a fulgurar num brilho vermelho-alaranjado, e meu pai me mostrou como dar a forma que eu quisesse à sua ponta ardente com a ajuda de um martelinho de aço. Quando me cansei, mergulhamos o bronze na água gelada para também fazê-lo voltar, frio e inalterado, ao seu estado original e maleável.

Na terceira noite, meu pai parecia mais animado que nunca. Ele estava prestes a me apresentar ao seu melhor amigo, o ferro. Para dar mais tensão ao momento, ele tirou sua aliança de ouro do dedo e me mostrou. “Está vendo como o ouro brilha?”, disse ele. “Os humanos sempre gostaram desse metal por causa de sua aparência. Mas não se dão conta de que isto é tudo o que ele é: chamativo – não especial.” Se eu quisesse, ele ficaria contente em demonstrar que quando o ouro é aquecido e mergulhado na água para voltar a esfriar, ele retoma, como o estanho e o bronze, o seu estado anterior. Feliz por eu não ter insistido em uma demonstração, ele passou à sua parte favorita.

Erguendo um pedaço de minério de ferro e fitando aquele torrão insípido como Hamlet contemplando o crânio de Yorick, meu pai

declarou: “Agora, se você quer uma substância mágica de verdade, aqui está: o ferro. O Mago dos Materiais”. E então passou à comprovação do que afirmara sujeitando uma barra de ferro à mesma tortura que infligira à barra de bronze na noite anterior, mas com algumas diferenças cruciais.

Antes de aquecer o ferro, eu tive a oportunidade de martelar sua ponta, para verificar que era macio e quase tão maleável quanto o bronze. Quando o colocamos na lareira, um pequeno fole nos ajudou a atizar as chamas, até o brilho do ferro deixar escarlata a sala mal iluminada. Tiramos a barra da lareira e, com o martelinho, a modelamos em algo que, aos meus olhos de menino, parecia uma espada. Mergulhá-la na água fria fez o ferro claro como em triunfo. “Pobre Polifemo!”, observou misteriosamente meu pai.

“Esquente ela de novo”, disse ele. Eu tornei a colocar a barra no fogo. “Desta vez, mergulhe ela na água *antes* de ela brilhar.” Animado com o chiado do ferro, fiquei feliz por repetirmos o processo de “arrefecimento”, como os metalúrgicos o chamam, três ou quatro vezes. Antes que eu tivesse a oportunidade de admirar minha nova espada, meu pai anunciou que tinha chegado a hora da verdade. “Pegue o martelo e dê uma bela de uma pancada na ponta da espada”, instruiu ele.

“Mas eu não quero estragá-la”, protestei.

“Vamos, faça isso, você vai ver. Não economize na força!”

Não economizei. O martelo acertou a ponta da espada e rebotou de volta. Martelei de novo e de novo. Não fazia diferença nenhuma. Minha espada saía incólume dos golpes. Endurecida.

A apresentação de uma criança ao materialismo histórico

Meu pai não conseguia se aguentar. O que eu tinha testemunhado, explicou ele, não era meramente uma grande transição – como no caso do estanho que derreteria –, mas uma grande transformação. É verdade, o cobre tinha facilitado nossa libertação da Pré-história: sua capacidade de se ligar ao arsênico e ao estanho para produzir o bronze, metal mais forte, proporcionou novas tecnologias aos mesopotâmios, egípcios e aqueus, incluindo novos arados, machados e a irrigação, o que em

última instância lhes permitiu produzir os grandes excedentes agrícolas que financiaram a construção de templos esplêndidos e a criação de exércitos sanguinários. Mas para a história acelerar o suficiente e ocasionar o que agora chamamos de civilização, a humanidade precisava de alguma coisa muito mais rígida do que o bronze. Precisava que seus arados, seus martelos e suas estruturas de metal tivessem a solidez da ponta da minha espada. Precisava aprender o truque que eu tinha visto em nossa sala de estar: como transformar o aço doce em aço endurecido ao “batizá-lo” na água fria.

As comunidades da Idade do Bronze que não aprenderam a batizar o ferro pereceram, ele insistiu.

As espadas de seus inimigos em armaduras de ferro cortavam seus escudos de bronze, seus arados não eram capazes de cultivar os solos menos férteis, as braçadeiras de metal que seguravam suas barragens e templos eram frágeis demais para concretizar as ambições de arquitetos visionários. Em contrapartida, comunidades que dominaram a *techné* – a arte – de transformar o ferro em aço prosperaram nas lavouras, nos campos de batalha, nas navegações, no comércio, nas artes. A magia do ferro sustentou o novo papel da tecnologia como a força motriz que levou à civilização e a seus desgostos.

Para que eu não duvidasse da pertinência cultural de nosso pequeno experimento – e da chegada da Idade do Ferro –, meu pai explicou sua referência anterior ao “pobre Polifemo”, o gigante de um só olho que, de acordo com Homero, aprisionou Odisseu e seus homens em uma caverna, sem pressa para devorá-los um a um. Para libertar a si e aos demais, Odisseu esperou Polifemo cair num estupor ébrio, aqueceu uma estaca de madeira na fogueira da caverna e, com a ajuda dos companheiros, cravou-a no único olho de Polifemo. “Lembra do som do ferro chiando?”, meu pai perguntou. Bem, Homero também deve ter ficado muito impressionado com ele, a julgar pelo verso na *Odisseia* que capta esse momento cruel: “Como quando o ferreiro mergulha na água fria/ grande machado ou enxó, ao querer enrijá-los,/ e alto eles sibilam: este, de novo, é o vigor do aço –/ assim chiava seu olho em torno da estaca de oliveira”.¹

Odisseu e seus contemporâneos antecederam a Idade do Ferro e não tinham como saber que o chiar do ferro anunciava um endurecimento

molecular de significado histórico. Mas Homero, que viveu alguns séculos depois da Guerra de Troia, foi um filho da Idade do Ferro e, portanto, chegou à idade adulta em meio à revolução tecnológica e social que o aço tinha forjado. Para o caso de eu achar que Homero fosse um ponto fora da curva, meu pai indicou a influência duradoura da magia do ferro citando Sófocles, que quatro séculos depois descreveu uma alma como “endurecida como ferro imerso”.

A Pré-história deu lugar à história, disse meu pai, quando o bronze substituiu as ferramentas e as armas de pedra. Quando o bronze se difundiu, depois de 4000 a.C., civilizações poderosas surgiram na Mesopotâmia, no Egito, na China, na Índia, em Creta, em Micenas e em outras partes. Mas, ainda assim, a história era contada em milênios. Para ser contada em séculos, nós tivemos que descobrir a magia do ferro. Uma vez iniciada a Idade do Ferro, por volta do século IX a.C., três eras diferentes e extraordinárias se sucederam rapidamente, dentro de não mais do que sete séculos no total: o período geométrico, o período clássico e a civilização helenística.

Do passo lento da Idade do Bronze, a humanidade tinha sido propelida aos acontecimentos vertiginosos da Idade do Ferro. Mas, por muito tempo, o ferro e o aço continuaram difíceis demais de produzir, caros demais. Mesmo depois da Revolução Industrial, os primeiros navios a vapor eram quase todo de madeira, com o aço oferecendo apenas os componentes essenciais (caldeira, chaminé, juntas). Entra em cena outro dos heróis do meu pai, Henry Bessemer, que inventou uma técnica para produzir grandes quantidades de aço a baixo custo, insuflando ar no ferro-gusa fundido para queimar as impurezas. Foi então, de acordo com meu pai, que a história acelerou às velocidades com as quais estamos familiarizados hoje. Articulada ao domínio do eletromagnetismo, que devemos a outro vitoriano, James Maxwell, a técnica de Bessemer nos deu a Segunda Revolução Industrial – o período de rápida inovação tecnológica a partir de 1870, que deve ser diferenciado da chegada das fábricas no início daquele mesmo século, na Primeira Revolução Industrial –, suas maravilhas firmemente entrelaçadas aos seus horrores.

Quando me recordo daquelas poucas noites de inverno de 1966, fica claro para mim que eu estava sendo apresentado ao “materialismo histórico” – o método de entender a história como um ciclo perpétuo

de retroalimentação entre, de um lado, o modo como os humanos transformam a matéria e, de outro, o modo como o pensamento humano e as relações sociais são transformados em contrapartida. Felizmente, o materialismo histórico do meu pai era matizado, seu entusiasmo pela tecnologia atenuado por doses criteriosas de angústia com a capacidade infinita da humanidade de estragar as coisas, de transformar tecnologias milagrosas num inferno na terra.

O ferro, como todas as tecnologias revolucionárias, acelerou a história. Mas em que direção? Com que propósito? Com qual efeito sobre nós? Como meu pai explicou, desde o início da Idade do Ferro houve quem previsse suas consequências trágicas. Hesíodo escrevia poemas por volta da mesma época que Homero. Sua obra *Os trabalhos e os dias* teve uma influência salutar sobre meu pai, arrefecendo seu entusiasmo pelo ferro e, de modo mais geral, pela tecnologia:

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça [a Idade do Ferro],/ mais cedo tivesse morrido ou nascido depois./ Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia/ cessarão de labutar e penar e nem à noite de se/ destruir [...] Entretanto a esses males bens estarão misturados [...] graça alguma haverá a quem jura bem, nem ao justo/ nem ao bom [...] com justiça na mão [...] o covarde ao mais vil lesará [...] e tristes pesares vão deixar/ aos homens mortais. Contra o mal força não haverá.²

De acordo com Hesíodo, o ferro endurecia não apenas nossos arados, mas também nossas almas. Sob sua influência, nosso espírito era martelado e forjado no fogo, nossos desejos novos em folha saciados como o metal chiando no caldeirão do ferreiro. Virtudes eram testadas e valores destruídos, na mesma medida que nossas dádivas abundaram e nossas propriedades se expandiram. A força gerou novas alegrias, mas também fadiga e injustiças. Zeus não teria escolha, Hesíodo previu, a não ser um dia destruir uma humanidade incapaz de restringir seu próprio poder, induzido pela tecnologia.

Meu pai queria discordar de Hesíodo. Queria acreditar que nós, humanos, poderíamos nos tornar os mestres da nossa tecnologia em vez de escravizar a nós mesmos e uns aos outros com ela. Quando Prometeu

roubou de Zeus o fogo, simbolizando o calor branco da tecnologia, em nome da humanidade, ele o fez na esperança de que ele iluminaria nossas vidas sem incendiar a Terra. Meu pai queria acreditar que podíamos deixar Prometeu orgulhoso.

Do calor à luz

Um otimismo inato era apenas uma das razões por que meu pai continuava esperançoso de que a humanidade não desperdiçaria os poderes mágicos que ele tinha me apresentado diante de nossa lareira. Uma outra foi seu encontro com a natureza da luz.

Uma vez, enquanto eu tirava uma barra de ferro do fogo, meu pai me perguntou: “Consegue adivinhar o que sai do metal aquecido e alcança seus olhos, para que você consiga enxergar seu brilho vermelho?”. Eu não fazia ideia. Felizmente, eu não estava sozinho.

Durante séculos, a luz dividiu as melhores mentes, ele disse. Alguns, como Aristóteles e James Maxwell, pensavam na luz como um tipo de perturbação no éter, uma onda que se propaga para fora a partir de uma fonte inicial – como o som. Outros, como Demócrito e Isaac Newton, apontaram que, ao contrário do som, a luz não é capaz de fazer curvas – algo que as ondas fazem por sua própria natureza – e, portanto, ela deveria ser feita de coisas minúsculas, ou partículas, viajando numa linha reta antes de atingir nossa retina. Quem estava certo?

A vida do meu pai mudou, ou foi o que ele me disse, quando leu a resposta de Albert Einstein: eles estavam *todos* certos! A luz é, ao mesmo tempo, um fluxo de partículas *e* uma série de ondas. Mas como podia ser? As partículas diferem fundamentalmente das ondas. Elas estão localizadas em apenas um único ponto em um dado instante no tempo, têm momento e só se movimentam em uma linha reta, a não ser e até que alguma coisa entre em seu caminho. As ondas, em contrapartida, são oscilações de um meio, que é o que lhes permite fazer curvas e transportar energia em muitas direções diferentes ao mesmo tempo. Provar, como Einstein tinha feito, que a luz era tanto partículas como ondas era admitir que algo pode ser duas coisas absolutamente contraditórias de uma única vez.

Para o meu pai, a natureza dual da luz era a porta de entrada para reconhecer o dualismo essencial subjacente a toda a natureza, e também à sociedade. “Se a luz pode ser duas coisas muito diferentes ao mesmo tempo”, ele se perguntava em uma carta que escreveu quando jovem para sua mãe, “se a matéria é energia e a energia é matéria”, como Einstein também tinha descoberto, “por que temos que retratar a vida em termos de preto e branco ou, ainda pior, em alguma nuance de cinza?”.

Quando cheguei aos doze ou treze anos, estava claro para mim de nossas conversas recorrentes que o amor do meu pai pela magia do ferro – a tecnologia – e pela física de Einstein – a dualidade contraditória de todas as coisas – tinha alguma coisa a ver com sua orientação política de esquerda, pela qual ele passou vários anos em campos de prisioneiros. Meu palpite se confirmou quando me deparei com o texto de um discurso da primeira pessoa a formular a noção de materialismo histórico: Karl Marx. Era como se meu pai estivesse dizendo as palavras:

Em nossos dias, tudo parece repleto de seu contrário: o maquinário, dotado do maravilhoso poder de diminuir e frutificar o trabalho humano, contemplamos esfomeados e estafados; as fontes modernas de riqueza, por algum estranho feitiço, são transformadas em fontes de necessidade; as vitórias da arte parecem compradas pela perda de caráter.³

O poder de reduzir o trabalho humano e torná-lo mais frutífero resultava da grande transformação de matéria que meu pai havia demonstrado com tanto entusiasmo em meu benefício: o ferro virando aço em nossa lareira, o calor virando energia cinética no milagroso motor a vapor de James Watt, os pequenos milagres acontecendo dentro dos ímãs e fios do telégrafo. Mas, desde a Quinta Raça de Hesíodo, esse era um poder repleto também de seu oposto: o poder de esfaimar e estafar, de transformar uma fonte de riqueza numa fonte de necessidade.

Tornou-se impossível não perceber a ligação entre as duas devoções gêmeas do meu pai – de um lado, as fornalhas, a metalurgia e a tecnologia em geral, de outro, sua visão política – quando li o *Manifesto comunista* pela primeira vez, principalmente a frase: “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os

homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens”.⁴

Ela trouxe de volta a lembrança de seu entusiasmo infantil ao ver o metal derreter em frente à nossa lareira ou, com muito mais espetáculo, na siderúrgica, cujo departamento de controle de qualidade ele administrava e onde as temperaturas eram altas o bastante para o ferro literalmente “se desmanchar no ar”.

Mas, ao contrário de Hesíodo – ou, aliás, dos moralistas de nossa própria era –, meu pai não sentia necessidade de tomar algum partido, ser ou um tecnóforo, ou um entusiasta da tecnologia. Se a luz pode ter duas naturezas contraditórias, e se tudo na natureza repousa em uma oposição binária, então o ferro enrijecido, os motores a vapor e os computadores em rede também podem ser, ao mesmo tempo, libertadores ou escravizadores em potencial. E assim cabe a nós, coletivamente, determinar qual dessas duas coisas eles serão. É aí que entra a política.

Uma introdução muito peculiar ao capitalismo

Os esquerdistas costumam se radicalizar em reação às vis injustiças e à desigualdade entorpecente que o capitalismo gera. Não no meu caso. Claro, crescer em meio a uma ditadura fascista teve seu papel, mas o meu esquerdismo teve origens muito mais esotéricas: uma sensibilidade, que me foi passada pelo meu pai, em relação à dualidade das coisas.

Bem antes de eu ler uma única palavra que Marx ou qualquer outro economista tivesse escrito, achei que podia discernir as diversas dualidades enterradas bem fundo nos alicerces das nossas sociedades. O primeiro indício de tal dualidade me atingiu uma noite quando minha mãe reclamou com meu pai que, na fábrica de fertilizantes em que trabalhava como química, era paga pelo seu tempo, mas nunca pelo seu entusiasmo. “Meu salário é uma porcaria porque meu tempo é barato”, disse ela. “Minha paixão por alcançar os resultados corretos sai de graça para os patrões!” Pouco depois, ela pediu demissão e arrumou outro emprego como bioquímica num hospital público. Depois de alguns meses no novo trabalho, ela nos disse contente: “Pelo menos no hospital eu adoro o fato de que meus esforços beneficiam os pacientes,

ainda que eu seja tão invisível para eles quanto costumava ser para os donos da fábrica”.

Aquelas palavras ficaram comigo. Minha mãe tinha inadvertidamente me apresentado à dualidade do trabalho assalariado. O salário que ela recebia por seu tempo e suas habilidades formais (seus diplomas, formações) refletiam o “valor de troca” das horas que ela passava no trabalho. Mas não era isso que injetava valor de verdade no que quer que estivesse sendo fabricado em seu lugar de trabalho. Este era acrescentado ao que era produzido na fábrica ou no hospital por meio do esforço, do entusiasmo, da aplicação e até do talento dela – e nada disso era remunerado. É como ir assistir a um filme no cinema: o preço do ingresso que você paga reflete o valor de troca do filme, mas isso é bastante apartado do prazer que ele lhe proporciona, o que podemos chamar de “valor-experiência” [*experiential value*]. Do mesmo modo, o trabalho é dividido em trabalho-mercadoria [*commodity labour*] (o tempo da minha mãe, comprado por seu salário) e o trabalho-experiência [*experiential labour*] (o esforço, a paixão, o talento que ela aplica ao seu trabalho).

Quando finalmente li Marx, eu me lembro claramente de como fiquei entusiasmado ao descobrir que, graças às lições do meu pai junto da lareira e à explicação da minha mãe, eu tinha tropeçado em um dos princípios centrais dos grandes economistas. No mundo que hoje damos por garantido, o trabalho parece uma mercadoria como qualquer outra. Desesperadas para ganhar a vida, as pessoas promovem suas habilidades como vendedores anunciando seus produtos. Elas aceitam um preço determinado pelo mercado (o salário) por seu trabalho, o que reflete seu valor de troca, isto é, quanto ele vale comparado a outras mercadorias comercializáveis. Isso é o trabalho-mercadoria. Só que, como vimos, ao contrário de sabão em pó, batatas ou iPhones, que não passam de mercadorias, o trabalho é algo além disso.

Para ilustrar a segunda natureza do trabalho, o trabalho-experiência para o qual minha mãe primeiro me alertou, considere a ideia brilhante evocada por um grupo de arquitetos contratados por uma construtora transnacional fazendo um *brainstorming*. Ou as vibrações positivas que um garçom exala no salão de um restaurante. Ou a lágrima de alegria de um professor quando um aluno com dificuldades resolve um problema

difícil de matemática. Nada disso pode de fato ser transformado em mercadoria. Por quê? Porque nenhuma recompensa monetária pode incitar um momento de verdadeira inspiração, nenhum sorriso genuíno pode ser comprado, nenhuma lágrima autêntica pode ser derramada por um preço. Na verdade, qualquer tentativa de fazer isso imediatamente as invalidaria. De fato, patrões que tentam quantificar, precificar ou transformar em mercadoria o trabalho-experiência soam como o tolo que grita para você: “Seja espontâneo!”.

O que eu chamo de trabalho-experiência, a parte que nunca pode ser vendida, Marx chamava simplesmente de trabalho. E o que eu rotulei de trabalho-mercadoria, Marx definiu como força de trabalho. Mas a ideia é a mesma: “O que o trabalhador vende não é diretamente seu Trabalho, mas sua Força de Trabalho, cuja disposição temporária ele transfere para o capitalista”.⁵ Imagine minha alegria, então, quando descobri que, com base nas duas naturezas do trabalho, Marx tinha construído toda uma teoria do capitalismo.

Pois aqui reside o segredo do capitalismo: o que insufla valor de troca nas mercadorias que os empregadores então vendem para consumidores ávidos são o suor, o esforço, a inspiração, a boa vontade, o cuidado e as lágrimas dos empregados, elementos que não podem ser mercantilizados – é isso o que na verdade torna o prédio, o restaurante ou a escola desejáveis.

Pode-se protestar que há muitas fábricas povoadas por trabalhadores robotizados, sem inspiração e sem alegria, produzindo latas ou dispositivos que valem mais do que o custo de remunerar os trabalhadores. É verdade. Mas isso acontece apenas porque os empregadores não podem comprar o *esforço* empregado por trabalhadores braçais e não qualificados. Só podem comprar o tempo deles, durante o qual os pressionam, de diversos modos, a um trabalho duro e suado. A questão aqui é que esse suor operário, do mesmo modo que o talento do arquiteto assalariado, nunca pode ser diretamente comprado ou vendido. Esse é, de fato, o poder secreto dos empregadores: para extrair qualquer mais-valor, seja do trabalho altamente especializado ou do trabalho sem inspiração, repetitivo e robotizado, eles devem pagar pelo tempo dos empregados (trabalho-mercadoria), mas não podem realmente comprar seu suor ou talento (trabalho-experiência).

Você pode pensar que é extremamente frustrante para os empregadores o fato de eles não poderem comprar diretamente o momento *eureka* dos arquitetos, o sorriso espontâneo do garçom, a lágrima do professor, sem os quais o trabalho de seus empregados não produz valor. Pelo contrário, os empregadores são como o consumidor que comprou uma jaqueta por mil dólares e acabou encontrando 2 mil dólares costurados dentro de seu forro. Aliás, se eles não encontrarem, vão à falência!

Quando me deparei pela primeira vez com essa explicação reveladora do segredo do capitalismo, achei-a fascinante: pensar que os capitalistas devem seus lucros a uma incapacidade, à impossibilidade de comprar o trabalho-experiência diretamente. E, no entanto, que vantagem padecer de tal incapacidade! Pois, no fim das contas, são eles que embolsam a diferença entre o valor de troca que pagam aos empregados por seu trabalho-mercadoria (salários) e o valor de troca das mercadorias criadas graças ao seu trabalho-experiência. Em outras palavras, a natureza dual do trabalho é o que gera o lucro.

Não é apenas o trabalho que tem uma natureza dual. A propaganda predominante hoje e quando eu era criança é que o lucro é o preço, ou a recompensa, de uma coisa chamada capital, e que as pessoas que possuem capital – como ferramentas, matéria-prima, dinheiro, qualquer coisa que possa ser usada para produzir bens comercializáveis – obtêm lucro mobilizando-o, do mesmo modo que um trabalhador obtém um salário mobilizando seu trabalho. Mas a conclusão de que o lucro é resultado das duas naturezas gêmeas e contraditórias do trabalho me levou a rejeitar também essa noção. Mais uma vez, mesmo antes de ler Marx, e graças à atenção que prestei à minha mãe e ao meu pai, quanto mais eu pensava no capital, mais eu me convencia de que, como a luz e o trabalho, ele também apresentava duas naturezas.

Uma é o capital-mercadoria [*commodity capital*], por exemplo, uma vara de pescar, um trator, a torre de servidores de uma empresa ou qualquer bem que é produzido para ser usado na produção de outras mercadorias. A segunda natureza do capital, no entanto, não se parece em nada com uma mercadoria. Imagine que eu descobri que possuo ferramentas de que você precisa para produzir as coisas para a subsistência da sua família, como os anteriormente mencionados, vara de pescar, trator, servidor. De repente, adquirir o poder de impelir você a fazer coisas,

como trabalhar para mim, em troca do uso das minhas ferramentas. O capital, para resumir, é tanto uma coisa (capital-mercadoria) quanto uma força (capital-poder) – assim como o trabalho está dividido entre trabalho-mercadoria e trabalho-experiência.

Quando comecei a ler Marx, eu não conseguia deixar de filtrar suas palavras pelas lentes que me tinham sido dadas pela disforia laboral da minha mãe e pela inspiração do meu pai no grande físico do século XX. Encantado como eu estava pelas dualidades que via, no fundo eu me perguntava o que Einstein teria pensado das minhas extrapolações selvagens – partindo de sua teoria da luz, ou melhor, da minha frágil compreensão dela, até a essência do capitalismo. Será que o meu pai tinha inadvertidamente deturpado Einstein, levando minha imaginação a escapar pela tangente graças a uma metáfora inconsistente e talvez falsa?

Muitos anos depois, eu por acaso tropecei nesta frase escrita pelo próprio Einstein: “É importante entender que mesmo em teoria o salário do trabalhador não é determinado pelo valor de seu produto”. Ela figurava em um artigo intitulado “Por que o socialismo?”, publicado em maio de 1949. Ao lê-lo, dei um suspiro de alívio. Não, no fim das contas, eu não vinha tomando liberdades com as ideias de Einstein. Ele também acreditava que a essência do capitalismo era a divisão do trabalho em duas naturezas incongruentes.

Uma introdução igualmente curiosa ao dinheiro

O tio Albert, como meu pai às vezes se referia a Einstein, não tinha concluído minha educação no que diz respeito ao capitalismo. Depois de abrir meus olhos para a natureza dual tanto do trabalho como do capital, ele me guiou para a natureza dual do dinheiro através de um caminho ainda mais sinuoso, que envolvia um certo John Maynard Keynes.

Em 1905, Einstein, aos 26 anos, arranjou coragem para dizer a um mundo profundamente cético que a luz era um campo contínuo de ondas formado por coisas parecidas com partículas e que, além disso, a energia e a matéria eram, essencialmente, uma só “coisa” conectada pela equação mais famosa da história: $E=mc^2$ (ou seja, a energia de um corpo é igual à sua massa vezes a velocidade da luz multiplicada por ela

mesma). Uma década depois, Einstein ampliou essa Teoria da Relatividade Especial para elucidar um dos maiores enigmas: a gravidade.

A Teoria da Relatividade Geral resultante não era para os fracos. Para compreendê-la, primeiro tínhamos que abraçar uma mentalidade que rejeitava o que nossos sentidos nos diziam. Se você quiser entender a gravidade, explicou Einstein, precisa parar de pensar no espaço como uma caixa dentro da qual vem o universo. Matéria e energia, operando como uma só coisa, modelam os contornos do espaço e dão forma ao fluxo do tempo. O único jeito de compreender o espaço e o tempo, ou a matéria e a energia, é pensar neles como parceiros travados no mais íntimo e insolúvel abraço. Gravidade é o que sentimos ao pegar o caminho mais curto através desse espaço-tempo de quatro dimensões.

Não surpreende que seja difícil para nossos cérebros compreender a realidade revelada pela Teoria da Gravidade Geral de Einstein. Nós evoluímos na superfície de um planeta que é minúsculo em comparação ao universo lá fora. Em nosso domínio limitado, podemos sobreviver muito bem com as ilusões úteis de nossos sentidos; por exemplo, a crença de que a grama é verde, de que linhas retas existem, ou de que o tempo é constante e independente de nosso movimento. Essas crenças são falsas, mas úteis na medida em que permitem que nossos arquitetos projetem prédios seguros e que nossos relógios coordenem nossas reuniões em pontos pré-acordados do tempo. No bilhar, quando a bola branca acerta uma bola colorida, ficamos convencidos de um claro efeito casual. Mas se confiássemos nessas ilusões para viajar além de nosso planeta, para o macrocosmo lá fora, literalmente nos perderíamos no espaço. Do mesmo modo, quando perscrutamos a fundo o mundo das partículas subatômicas que constituem nosso próprio corpo, ou a cadeira em que estamos sentados, até a relação entre causa e efeito desaparece.

E o que é que essas coisas têm a ver com dinheiro? O título do livro de economia mais famoso do século XX é *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. Publicado em 1936, foi escrito por John Maynard Keynes para explicar por que o capitalismo não estava conseguindo se recuperar da Grande Depressão, e a alusão à Teoria Geral de Einstein foi intencional. Keynes, que conhecera Einstein e sabia sobre seu trabalho, o escolheu para anunciar uma ruptura completa com a economia

convencional – uma ruptura tão clara e decisiva quanto a de Einstein em relação à física clássica.

De seus colegas economistas, que insistiam que o dinheiro tinha de ser entendido como mais uma mercadoria, Keynes uma vez disse que eles “parecem geômetras euclidianos em um mundo não euclidiano”, mais uma vez confirmando em termos inequívocos a influência de Einstein. O pensamento econômico convencional sobre dinheiro estava prejudicando a humanidade, Keynes achava. Os economistas pareciam projetistas de veículos espaciais se baseando desastrosamente em Euclides, não em Einstein. Eles estavam usando ilusões que, embora úteis no microcosmo de um único mercado (por exemplo, o mercado de batatas, no qual se costuma poder confiar numa queda no preço para aumentar as vendas), eram catastróficas quando aplicadas à economia de modo geral – a macroeconomia, na qual uma queda do valor do dinheiro (a taxa de juros) pode nunca impelir o fluxo de dinheiro na forma de investimento e emprego.

Da mesma forma que Einstein tinha acabado com nossa ilusão de que o tempo é externo ao espaço e separado dele, Keynes queria que parássemos de pensar no dinheiro como uma coisa, como simplesmente mais uma mercadoria, que é externa às nossas outras atividades nos mercados e locais de trabalho e separada delas.

Hoje, somos bombardeados por uma fantasmagoria de idiotices sobre o dinheiro. Políticos desinformados invocam metáforas mesquinhas para justificar uma austeridade contraproducente. Presidentes de bancos centrais, enfrentando tanto a inflação quanto a deflação, parecem o asno de Buridan, sedento e faminto, que desmorona por não conseguir se decidir a beber ou comer primeiro. Os entusiastas das criptomoedas nos convidam a reparar o mundo abraçando a forma suprema de dinheiro-mercadoria: o *Bitcoin* e seus diversos rebentos. As Big Techs estão criando seu próprio dinheiro digital com o qual nos atraem para os recônditos de sua teia venenosa de plataformas.

Não consigo pensar numa defesa melhor diante dessa ofuscação orquestrada do que o conselho de Keynes (derivado de Einstein): pare de pensar no dinheiro como algo separado daquilo que fazemos uns com os outros no trabalho, no lazer, em cada canto e nicho de nosso universo

social. Sim, o dinheiro é uma coisa, uma mercadoria como qualquer outra. Mas também é algo muito maior do que isso. Ele é, acima de tudo o mais, um reflexo da nossa relação uns com os outros e com nossas tecnologias; em outras palavras, o meio e as formas como transformamos a matéria. Ou, na formulação poética de Marx:

[O dinheiro] é a *capacidade* exteriorizada (*entäusserte*) da *humanidade*. O que eu qua *homem* não consigo, o que, portanto, todas as minhas forças essenciais individuais não conseguem, consigo-o eu por intermédio do *dinheiro*. O dinheiro faz assim de cada uma dessas forças essenciais algo que em si ela não é, ou seja, seu *contrário*.⁶

Livres para escolher? Ou para perder?

No início de 2015, um acidente histórico fez de mim ministro da Fazenda da Grécia. Com um mandato para ir de encontro a algumas das pessoas e instituições mais poderosas do mundo, a imprensa internacional perscrutou meus artigos, livros e palestras atrás de pistas do que esperar. Eles ficaram perplexos com minha alegação de ser um marxista libertário – uma autodescrição que foi automaticamente ridicularizada por muitos libertários e pela maioria dos marxistas. Quando um dos entrevistadores mais rudes me perguntou sobre a fonte de minha “óbvia confusão”, respondi jocosamente: meus pais!

Piadas à parte, meu pai foi, pelo menos indiretamente, responsável por outro componente crucial da minha educação política: minha incapacidade de entender como alguém pode genuinamente prezar a liberdade e tolerar o capitalismo (ou, vice-versa, como alguém pode ser ao mesmo tempo não liberal e de esquerda). Combinados, ele e minha mãe feminista me legaram uma perspectiva obliquamente oposta ao que se tornou, infelizmente, uma falácia convencional: que o capitalismo é sobre liberdade, eficiência e democracia, enquanto o socialismo gira em torno de justiça, igualdade e estatismo. Na verdade, desde o início, a esquerda tinha tudo a ver com emancipação.

Durante a era feudal, que se arraigou plenamente por toda a Europa no século XII, a vida econômica não envolvia escolhas econômicas.

Se você nascesse na aristocracia fundiária, nunca passaria pela sua cabeça vender as terras de seus ancestrais. E se você nascesse servo, seria obrigado a labutar a terra, em favor do proprietário, livre de qualquer ilusão de que, um dia, você mesmo poderia ser dono de terras. Para resumir, nem a terra nem a força de trabalho eram uma mercadoria. Elas não tinham preço de mercado. Na grande maioria do tempo, as terras mudavam de mãos apenas através de guerras de conquista, decretos reais ou como resultado de alguma catástrofe.

Então, no século XVIII, aconteceu algo extraordinário. Devido aos avanços nos transportes marítimos e na navegação, o comércio internacional de artigos como lã, linho, seda e especiarias se tornou lucrativo, dando assim uma ideia aos senhores de terras britânicos: por que não despejar em massa os servos de uma terra que produzia nabos sem valor e substituí-los por ovelhas cujos dorsos produziam a lã preciosa para os mercados internacionais? A expulsão dos camponeses, que hoje lembramos como os “cercamentos” – já que envolvia a instalação de cercas para mantê-los fora da terra que seus ancestrais tinham labutado por séculos –, deu à maioria das pessoas algo que elas tinham perdido na época do advento da agricultura: escolha.

Os senhores de terras podiam escolher arrendar terras por um preço que refletia a quantidade de lã que elas eram capazes de produzir. Os servos despejados podiam escolher oferecer seu trabalho por um salário. É claro, na realidade, estar livre para escolher não era diferente de estar livre para perder. Antigos servos que se recusavam a fazer um trabalho esqualido por um salário deplorável morriam de fome. Aristocratas orgulhosos que se recusavam a aceitar a mercantilização de suas terras faliam. Conforme o feudalismo recuava, a escolha econômica chegava, mas era tão livre quanto aquela oferecida pelo mafioso que, sorrindo, lhe diz: “Vou lhe fazer uma oferta que você não vai poder recusar”.

Em meados do século XIX, as ideias de Marx e de outros pensadores seminais de esquerda tinham tudo a ver com a nossa *libertação*. Especificamente, nessa era, tinham a ver com a nossa libertação de um fracasso *à la* dr. Frankenstein em controlar nossas criações – notavelmente, as máquinas da Revolução Industrial. Nas palavras atemporais do *Manifesto comunista*: “a sociedade burguesa moderna, que conjurou

gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que invocou”.⁷

Por mais de um século, a esquerda esteve principalmente preocupada com o livramento da falta de liberdade autoinfligida – motivo pelo qual esteve tão fundamentalmente alinhada com o movimento abolicionista, com as sufragistas, com os grupos que abrigavam judeus perseguidos nos anos 1930 e 1940, com as organizações de libertação negra nos anos 1950 e 1960, com os primeiros manifestantes gays e lésbicas nas ruas de São Francisco, Sydney e Londres nos anos 1970. Então, como chegamos à situação, hoje, em que “marxista libertário” parece uma piada?

A resposta é que, em algum momento do século XX, a esquerda trocou a liberdade por outras coisas. No Oriente (da Rússia à China, ao Camboja e ao Vietnã), a busca por emancipação foi substituída por um igualitarismo totalitário. No Ocidente, a liberdade foi deixada para seus inimigos, abandonada em troca de uma noção mal definida de justiça. Assim que as pessoas acreditaram que tinham que escolher entre liberdade e justiça, entre uma democracia iníqua e um igualitarismo miserável imposto pelo Estado, o jogo tinha acabado para a esquerda.

No dia 26 de dezembro de 1991, eu estava em Atenas para passar alguns dias com meus pais. Enquanto conversávamos durante o jantar diante daquela mesma lareira de tijolos vermelhos, a bandeira vermelha estava sendo baixada sobre o Kremlin. Graças ao passado comunista do meu pai e às inclinações social-democratas da minha mãe, eles compartilhavam um ânimo comum. Eles sabiam que, naquela exata noite, a história marcava não apenas a queda da União Soviética, mas também o fim do sonho social-democrata: de uma economia mista, na qual o governo oferecia bens públicos enquanto o setor privado produzia inúmeros bens para satisfazer nossos caprichos – em suma, uma forma civilizada de capitalismo na qual a desigualdade e a exploração eram mantidas sob controle no contexto de uma trégua politicamente mediada entre os detentores do capital e aqueles que não tinham nada para vender a não ser seu trabalho.

Circunspectos, ainda que não desalentados, nós três concordamos que estávamos testemunhando uma derrota que se tornara inevitável quando nosso lado perdeu a convicção de que o capitalismo era iníquo

porque era ineficiente, que era injusto porque era não liberal, que era caótico porque era irracional. Voltando aos fundamentos, perguntei à minha mãe e ao meu pai o que a liberdade significava para eles. Minha mãe respondeu: a habilidade de escolher seus parceiros e seus projetos. A resposta do meu pai foi parecida: tempo para ler, experimentar e escrever. Seja qual for a *sua* definição, caro leitor, cara leitora, estar livre para perder de diversos modos assoladores não pode ser a resposta.

A pergunta do meu pai

Quase todo mundo hoje em dia se acostuma com o capitalismo como um peixe com a água – sem nem notar que está lá, tratando-o como o éter invisível, insubstituível e natural pelo qual nos movemos. Como Fredric Jameson celebrenemente disse, as pessoas acham mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Para a geração de esquerdistas da idade do meu pai, no entanto, houve um breve momento de meados ao fim da década de 1940 em que o fim do capitalismo parecia apenas uma questão de poucos anos, se é que não poucos meses. Mas então uma coisa levou a outra e a queda do capitalismo foi cada vez mais postergada até que, depois de 1991, ela desapareceu além do horizonte.

Por ser da geração que acreditou que o capitalismo era transitório, meu pai continuou contemplando a expiração do capitalismo mesmo depois de concluir que não viveria para vê-la. Ainda assim, mais ou menos uma década depois de nossos experimentos junto da lareira, com o sonho do socialismo em profunda recessão, e enquanto eu mergulhava nas obras dos economistas políticos, meu pai começou a se entranhar cada vez mais no estudo de tecnologias antigas.

De vez em quando, sentindo que podia inocentemente deixar por minha conta a exploração dos mistérios do capitalismo enquanto se deleitava com as alegrias puras da arqueometria, ele especulava sobre como o capitalismo poderia, um dia, terminar – e sobre o que o substituiria. Tinha o desejo de que ele não terminasse abruptamente, porque finais abruptos tinham a tendência de vitimar boas pessoas em números terríveis; de que ilhas socialistas brotassem espontaneamente em nosso vasto arquipélago capitalista e se expandissem gradualmente, formando

por fim continentes inteiros em que prevaleceriam comunas tecnologicamente avançadas.

Em 1987, ele pediu minha ajuda para instalar seu primeiro computador de mesa. Uma máquina de escrever glorificada, ele o chamava, mas com uma impressionante função de edição na tela. “Imagine de quantos outros volumes a obra completa de Marx consistiria se o barbudo tivesse um desses”, ele brincou. Como se para defender a tese, ele o usou ao longo dos anos seguintes para produzir artigos e livros volumosos sobre a interação entre a tecnologia e a literatura dos gregos antigos.

Seis anos depois, em 1993, eu cheguei na casa de Palaio Faliro com um modem desajeitado, dos primeiros modelos, para conectar seu computador à novata internet. “Isso é um divisor de águas”, disse ele. Pelejando com o acesso discado a um provedor de internet grego terrivelmente lento, ele me fez a pergunta matadora que acabou por inspirar este livro: “Agora que os computadores conversam uns com os outros, essa rede vai tornar impossível derrubar o capitalismo? Ou vai finalmente revelar seu calcanhar de Aquiles?”.

Envolvido com meus próprios projetos e dramas, eu nunca achei tempo para responder à pergunta do meu pai. Quando por fim decidi que tinha uma resposta para ele, meu pai já estava com 95 anos e com dificuldade para seguir minhas reflexões. E assim, cá estou, alguns anos depois, apenas algumas semanas após seu falecimento, escrevendo minha resposta – tardia, mas espero que não em vão.